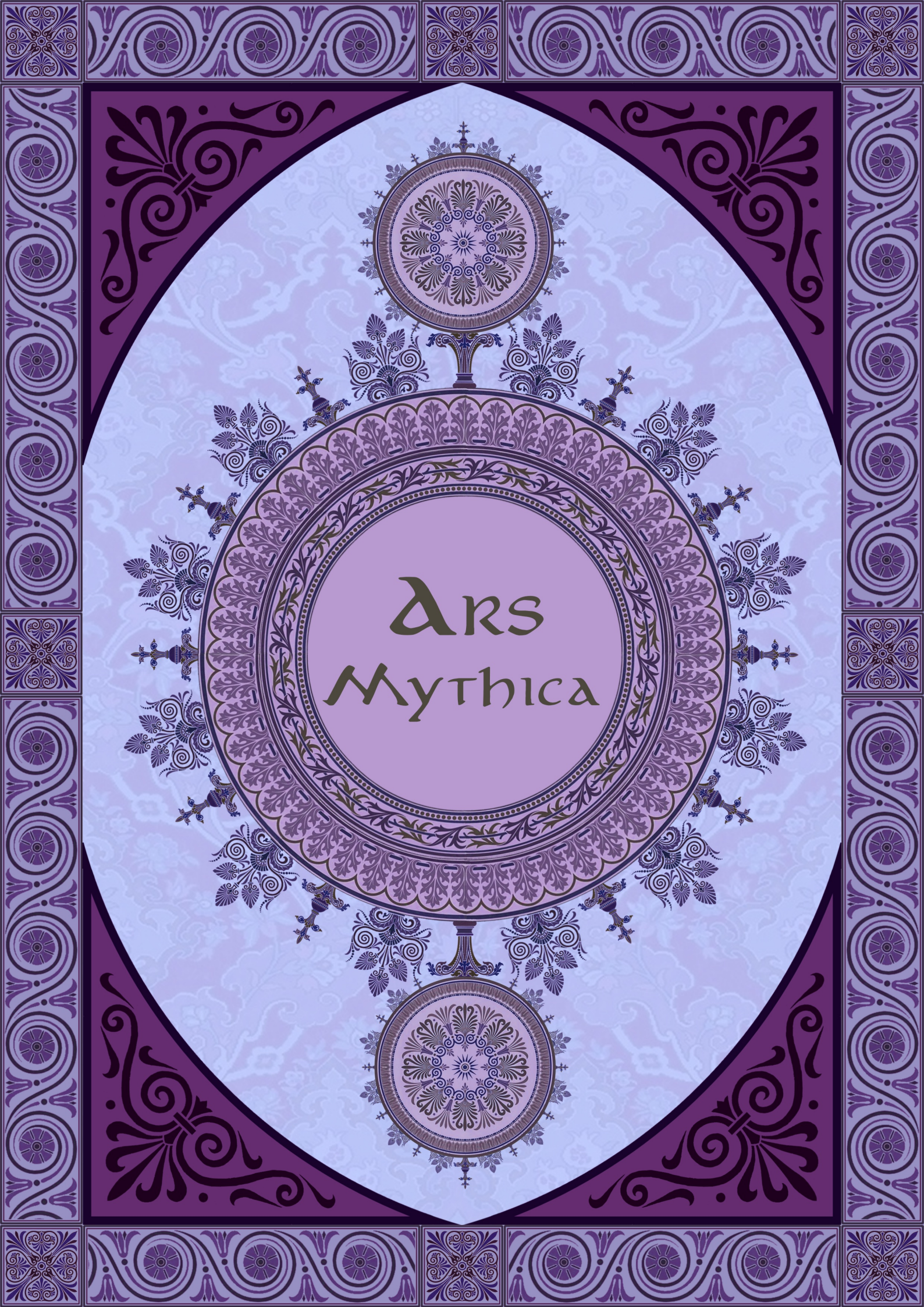




Ars
Mythica

PROJETO ARS HERMETICA

Imãs gêmeas, a Tradição Esotérica do Ocidente e a do Oriente são a progênie da mítica Tradição Ancestral da humanidade, perdida, talvez para sempre, para a noite dos tempos. Cada uma, a seu modo, carrega a tocha em que arde o Fogo Divino e a responsabilidade de despertar a humanidade de seu longo sono: toda linhagem verdadeira se mantém fiel a esse propósito e busca transmitir a chama à nova geração.

Tão profunda quanto sublime, a Tradição sempre manteve abertas suas portas ao buscador sincero, mas muito de seu brilho original se perdeu nesses tempos sombrios, pois apenas um heroico punhado de adeptos se mantém leal ao Mistério, quase afogados num mar de banalidade onde cegos guiam cegos rumo ao precipício.

No começo de sua busca, é comum que o aspirante ao mundo da Magia e do Hermetismo se depare com as várias facetas da tradição de forma fragmentada e desconexa, por vezes sectária e até alucinada. Muitos anos podem se passar até que se encontre algum sentido nesse caos de disciplinas, escolas, linhagens e ordens. Assim, foi pensada uma preparação geral adequada aos novos tempos, perscrutando os vários aspectos da tradição, como astrologia, alquímia, mitologia, etc, de forma transdisciplinar, integrada e assimilando em suas correspondências o néctar da filosofia e da ciência.

Somos um discreto círculo de hermetistas que inclui de físicos e matemáticos a artistas e filósofos. Assim como nossos irmãos de todas as épocas, dedicamo-nos à busca de uma síntese do conhecimento passado que possa conversar com a síntese do conhecimento presente, mantendo acesa a chama da Tradição Original, sempre viva, sempre em uma nova forma. Assim foi feito no passado, e assim o é neste momento. Estamos preparando este projeto há muito tempo e, após mais de quinze anos de pesquisas, compilação e síntese de materiais sobre os diversos ramos do estudo hermético, o ponto de maturação foi atingido.

ASSINE E APOIE-NOS

Receba diretamente os fascículos do Projeto assinando, por qualquer quantia, nossa página no Catarse (catarse.me/arshermetica).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos incontáveis professores, por vezes não declarados, cujas vidas e obras nos ensinam, transformam e inspiram, e nas quais nos maravilhamos e deleitamos diante do que nos foi, e ainda é, descortinado. Acima de tudo, agradecemos ao Mestre dos Mestres que nos guiou até aqui.

CRÉDITOS

Texto, revisão, editoração,
arte e curadoria: Talles Menegon



"Perseus and Andromeda" (1891) - Edmund Leighton

Capítulo 4:

O HORIZONTE

Omphalos Mundi

1. No primórdio, o Homem era um Ovo e a Árvore era uma Semente. Assim como o Contador fecunda a Imaginação, o Céu planta no seio da Terra um minúsculo ovo cósmico envolto por uma minúscula serpente em espiral.

2. Não há nenhuma outra forma que o ovo-semente poderia assumir, justamente porque é através de sua forma que ele carrega, para a feitura do Cosmos, todas as formas.

3. O Mundo-história, concebido como um embrião, cresce como um embrião a partir do umbigo, em todas as direções.



"Night with her Train of Stars" (1912) - Edward Robert Hughes

4. O embrião não apenas está no centro como ele próprio é o centro-princípio da Criação, cuja expansão cria o História e as Quatro Direções do Mundo.

5. Como uma projeção da Fonte Infinita dentro na finitude, o Ônfalo é a união do Falo do Céu ao Útero da Terra, embrião e umbigo do Mundo, o centro lunar de seu próprio crescimento.

6. O Ônfalo é o Coração da Montanha, a pedra fundacional do mundo que encerra a boca da Serpente do Caos para estabelecer o espaço criacional.

7. Esse é o único lugar onde a Criação pode começar, sem ser devorada pela Serpente no mesmo instante de seu nascimento.

8. Para cima será erguida a montanha mais alta; para baixo, escavada a caverna mais profunda; ao redor, as vastas direções serão estendidas até o Horizonte.

9. Assim nasce de sua semente a poderosa Árvore dos Mundos. Os paraísos em seus ramos, os infernos em suas raízes e, ao seu redor, os quatro Grandes Reinos Elementais.

10. Como artérias do corpo do Habitante, os rios do paraíso passam pelo ônfalo para nutrir; como veias, os rios do inferno passam para purificar. Fonte de nutrição e purificação, alguns o chamam de Santo Graal.



O Ovo Ôrfico - Autor Desconhecido

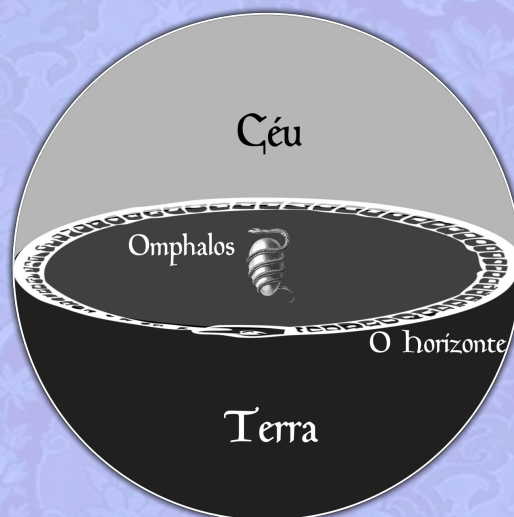


Fig. 4.1 - Horizonte e Ônfalo.

11. Outros, com maior precisão, dizem que exatamente no centro do mundo ergue-se a montanha altaneira que em seu cume abriga o Castelo do Salvação, ou Castelo do Crânio Cinzento, morada do Santo Graal e seu Guardião.

12. Sendo o ponto de confluência onde os reinos se tocam, outros, ainda, chamam-no *nexus*, nodo ou chakra.

13. No verdadeiro centro de todo reino há um nexo, e todo nexo toca todos os outros nexos, de maneira que, verdadeiramente, há apenas um Nexo.

HORIZONTE

14. Assim como o ponto se torna centro ao traçar-se sobre ele um círculo, a partir do círculo traçado encontra-se um ponto singular que lhe é centro.

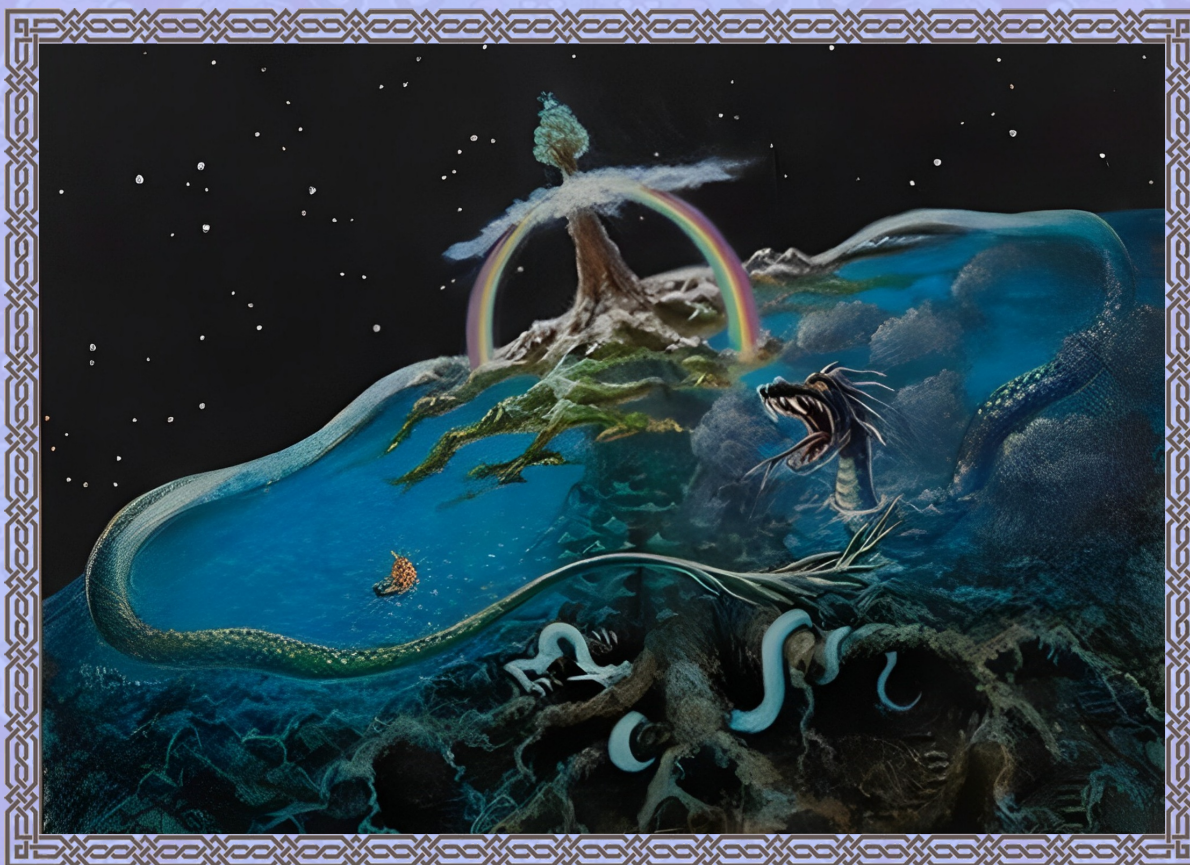
15. Como se o próprio círculo projetasse o ponto ao redor do qual é traçado, Ônfalo e Horizonte nascem juntos como antípodas.

16. Onde o Céu se une à Terra, a Criança traça ao redor de si um círculo de auto-esquecimento para poder olhá-los como se fossem duas coisas distintas e, assim, são duas coisas distintas. A esse círculo, chamamos Horizonte.

17. Imagem da Fertilidade, o Horizonte é uma colossal Serpente que abre uma fenda entre o Céu e a Terra e, mordendo a própria cauda, encerra a si mesma e dá fronteira ao mundo, envolvendo-o por inteiro.

18. Se a menor distinção é feita entre isto e aquilo,





Jormungandr, a Serpente-Mundo - Autor Desconhecido

Céu e Terra são brutalmente derrubados do êxtase de sua união e infinitamente apartados por esse enorme Abismo onde é possível cair por toda a eternidade sem nunca tocar-lhe o fundo.

atemporalmente unidos em paradoxo; além dele, estão perpetuamente separados pela não-contradição.

19. É um reino onde o Reino pára de passar sem ser transcendido, de onde ninguém nunca saiu e nunca sairá. Não é possível alcançá-lo sendo alguém e tampouco pode ser atravessado simplesmente caminhando até que lhe acabe a extensão, pois ele próprio é a Extensão.

25. Exatamente nele, porém, os opostos podem coexistir temporalmente no absurdo, abrindo uma barreira de insanidade, completamente preenchida por uma espécie de oceano - ou névoa - de monstros e quimeras fugazes feitos justamente da contraditoriedade em si.

20. Por isso, muitos o chamam de Diábolus, o Separador. Separando a parte do todo, derruba o paradoxo da unidade na contradição da dualidade. Para esses, a distinção é o Pecado Original e seu resultado é a Queda.

21. Todas as dualidades do mundo são a mesma dualidade, e por ela perde-se o Paraíso, justamente porque sem a dualidade não há um lugar onde o Paraíso possa ser perdido.

22. Outros, ainda, vêem o Horizonte como um Véu que cobre a Criação, fazendo-a sofrer ao perceber-se separada de seus Criadores, e então o chamam Ilusão, ou Ignorância.

23. Esquecimento, Separação e Sofrimento são uma e a mesma coisa, e sua contraparte é o Amor.

24. Antes do horizonte, os opostos estão



"Magnum Chaos" (1524) - Lorenzo Lotto, Giovan Capoferri



26. Afrouxam-se aqui as regras do existir e a Criação opera em seu modo mais abstrato, fino e moldável, capaz de a tudo acomodar. Nada é verdadeiro no horizonte e o impossível pode existir.

27. Seus habitantes são os monstros das profundezas, concepções autocontraditórias sem as condições mínimas para existirem como conceitos. Tais seres são horrendos e incoerentes demais para nascer no cosmos, de uma loucura que devora toda mente que não esteja em absoluto silêncio, uma ponte intransponível para todo aquele que não permitiu ter cortada a própria cabeça.

28. De certo modo, são tudo o que foi rejeitado para que pudesse haver um cosmos sustentador de vida.

29. Em meio a esse mar de insanidade, os ascensionados constroem seus reinos - os buddhas em suas Terras Puras - de onde buscam despertar a humanidade, assim como infames magos negros constroem suas torres, de onde tentam derrubá-la.

30. O horizonte guarda a chave para o duplo mistério da Existência, operando-lhe o dom essencial de auto-ocultar-se na Ilusão e se auto-revelar no Real. O Sábio compreende a ilusão de separar a Ilusão do Real e, assim, compreende o Real.

O ENIGMA

31. O Enigma do horizonte é a pista deixada no véu deitado sobre o Mistério da Imaginação, a marca indelével da unidade em obliquo, como a velha pergunta sobre quem sobreveio, o ovo ou a galinha. A resposta, é claro, é que a galinha bota o próprio ovo do qual nasce.

32. A Existência é aqui vista como um grande meta-problema a ser resolvido, a Questão Derradeira, que é a última e também a primeira: como vencer a Entropia?

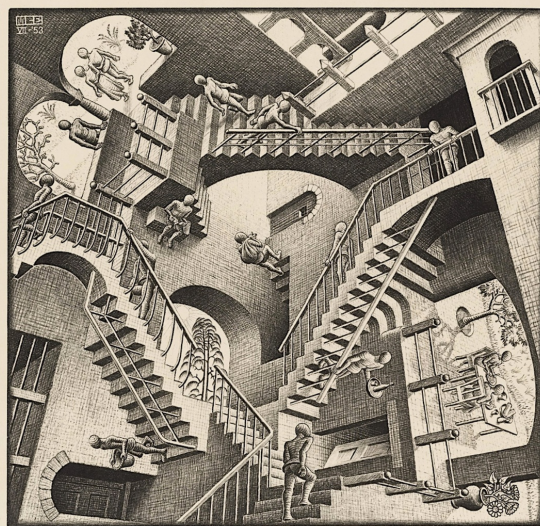
33. Movido na profundidade pela inquietude fundamental da dualidade, adentra-se esse labirinto em que a porta de saída leva de volta à entrada: a busca começa e termina no horizonte.

34. Mesmo a Mente do Todo demoraria toda a duração do Tempo para resolver a Questão, de modo que alguns chegam a dizer que o próprio Tempo, a Criação e todo o Mundo-História só existem como um meio para a Mente Universal entender a Pergunta.

35. Esses afirmam que no princípio de tudo a Mente compreendeu que, enquanto Todo, não poderia avançar, e então fragmentou a Questão



"Belvedere" (1958) - Maurits Cornelis Escher



"Relatividade" (1958) - Maurits Cornelis Escher

Derradeira em inúmeras partes, ao mesmo tempo em que fragmentou-se em inúmeras centelhas para habitá-las, cada uma responsável por buscar sua parte da solução.

36. Conforme perfazem sua tarefa, retomam à Fonte com seus resultados. No fim dos tempos, todas as centelhas estão novamente reunidas com a Fonte, e a busca chega ao fim.



37. Não é que a pergunta não tenha resposta, mas sim que o Enigma não existe para ser resolvido, e sim transcendido.

38. Olha-se para a contradição como se fosse paradoxo, e a contradição se torna paradoxo. A resposta é imediatamente discernida como inerente à própria pergunta, revelando a tolice na busca e o Tolo no buscador.

39. Enquanto ressentir-se de fazer o papel de Bobo, o buscador mantém-se preso ao Abismo e, no mesmo instante em que o aceita, liberta-se.

40. Assim, o Enigma é como pregar uma grande peça, ou uma piada cósmica, e por isso muitos vêem o Separador como um grande trapaceiro ou enganador. Chamam-no, até, Senhor das Mentiras.

41. Seus monstros são como fantasmas: não se pode dizer exatamente que existem, ou que não existem, mas certamente aventam perigo quando reificados, e podem causar dano, não por virtude de qualquer maligno poder ao seu dispor, mas pelo medo erguido em sua presença.

O DRAGÃO

42. À Serpente é esse vão aberto entre o antes e o depois, a quem chamamos Tempo, onde se desenrola a História.

43. Se a eternidade é perfeição, o Tempo é criado pela imperfeição: não há história sem crise.

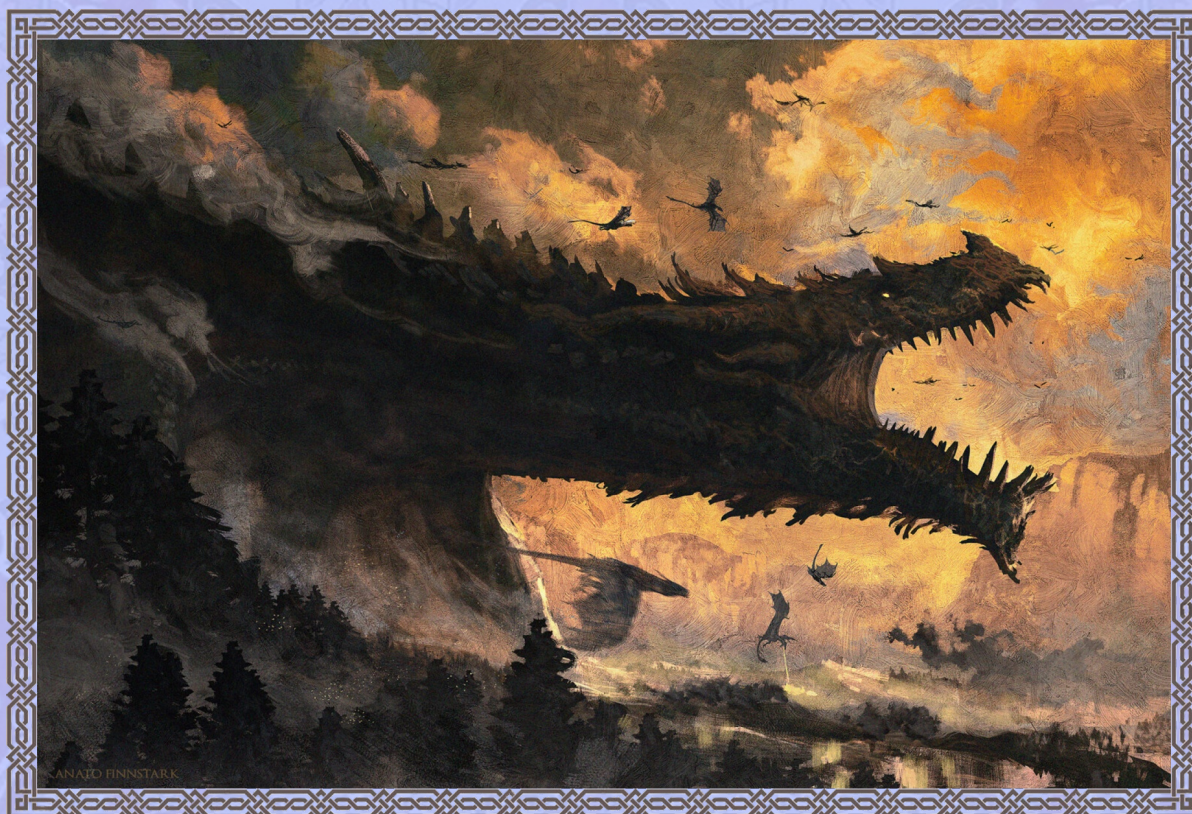
44. A Serpente é o vão aberto entre o acima e o abaixo, a esquerda e a direita e entre a frente e o atrás, o vazio deixado a quem chamamos Espaço, onde se desdobra o Mundo.

45. É, também, o vão entre o eu e o outro, e todos os vãos, verdadeiramente o mesmo e único Vão. O Vão e o Vazio, e os monstros que os habitam, são a Serpente do Caos, o monstro do abismo a quem alguns chamam de Dragão Negro da Escuridão Exterior.

46. Sua silhueta reptilica e quimérica funde o fogo que arde no coração felino, o ar cortante das asas da águia e a ondulante água da serpente: o Dragão é o arquipredador, a camada mais primordial e brutalmente selvagem da realidade que devora todas as formas criadas e as devolve ao Caos.

47. Acima de tudo, o Dragão é o devorador de possibilidades que encaminha a cada passo a Criação rumo sua extinção derradeira, o causador direto da impermanência e do devir.

48. Para consumir suas presas, o Dragão faz uso de seu poderoso hálito, que alguns descrevem como um fogo incinerador, outros como um ácido capaz de dissolver rocha sólida. De um ou de outro jeito, é um banho corrosivo de três faces: vazio, entropia e sofrimento.



"Ancalagon the Black" (2022) - Anato Finnstark (Artstation)



49. O Dragão se faz perceber em proximidade através de sua presença, perturbadora e paralisante, a quem chamamos Medo, ou Olho do Basilisco, verdadeiro pai de todos os medos do mundo.

50. Aquele que teme ter-lhe devorada a mente ou o corpo, ou aniquilada a alma e obliterada a consciência, ou teme a escuridão do desconhecido, a confusão, o absurdo e a insanidade do caos, ou ainda ver-se abandonado nu no vazio inóspito, teme, em suma, o mesmo terror existencial do Dragão.

51. Se alguns dizem que o Dragão habita nas distâncias alienígenas do Horizonte que envolve o Mundo-História, outros alegam que habita no profundo da grande caverna sob a Montanha Sagrada, entesourando o ouro do Reino. Outros, ainda, que voa nas alturas, concedendo desejos e trancando a clarabóia do céu.

52. Nenhum deles mente, pois o Dragão Celestial, o Dragão Infernal e a Serpente-Mundo são o mesmo Dragão, enroscado por toda a Árvore e oferecendo à Criança seu vistoso fruto.

A Queda

53. Adentrando o Mundo-História desejosa de experiência, a Criança precipita-se no Caos e esquece-se Habitante do Infinito para brincar ser Personagem e, vestindo-lhe os olhos, contrai-se e cai neles. Olhando-se como Personagem, é, então, Personagem.

54. Assim, o Ninguém torna-se Alguém e o Um se torna Muitos. Como mútuas e multifacetadas reflexões de um caleidoscópio, o Enigma do Abismo estilhaça a Luz Una em inumeráveis centelhas.

55. O ponto-ístante, similamente, é estilhaçado em inúmeros momentos e inúmeros locais, cada um o seu próprio agora e o seu próprio aqui. Por isso, o Sábio compreende que em cada ponto do mundo



"O Anjo Caído" (1847) - Alexandre Cabanel



"A Queda dos Anjos Rebeldes" (1666) - Luca Giordano

habita o Centro e o Infinito, e que em cada instante habita o Agora e a Eternidade.

56. Por isso, alguns dizem que o centro está em todos os lugares, e outros, pelo mesmo motivo e com igual justiça, que não há centro algum.

57. A Centelha da Luz se oculta no personagem como herói Adormecido, um órfão divino criado em exílio no mundo dos fenômenos e destinado a despertar e lembrar-se Filho de Rei e da Rainha.

58. A essa descida, como um relâmpago brilhante, na finitude e o olvido que lhe acompanha chamamos Queda, a verdadeira porta de acesso à realidade fenomênica e dualística, que muitos chamam de Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

59. Como alguém a mover-se em grande velocidade que tenta realizar uma curva fechada, a Luz tomba sobre si mesma ao descer do Infinito para a finitude e, ainda sim, permanece ela mesma.

60. Embora seja o contato com o Caos o catalisador da Queda, não seria errado dizer que o Caos é simplesmente o estado da Criação pós-Queda.

61. A Queda é o Não-Nascido sujeitar-se ao nascimento e à morte, é o Sem-Forma assumir dez

mil formas e vê-las todas definhar no Sopro do Dragão.

62. Há histórias que contam a Queda como resultado de uma grande guerra no Céu, em que o Dragão, antes de ser Dragão, era chamado de Portador de Luz, o mais belo e poderoso dos ministros celestiais.

63. Ele liderou uma rebelião contra o próprio Céu, após recusar-lhe submissão por incompreender seus desígnios e, perdendo, foi expulso para o ponto mais distante dele, pagando com isso o maior preço em sofrimento e cegueira. Caído nesse local, tornou-se o famigerado Dragão foi chamado simplesmente de Inimigo do Mundo.

64. Alguns olham para o sofrimento e a dor entranhados nas raízes do Mundo-história e vêem na Queda uma tragédia, e a experiência fenômenica como um grande erro a ser corrigido, transcendido ou até mesmo destruído.

65. Outros, olham espantados para as formas criadas e maravilham-se diante da glória e beleza que emerge de suas possibilidades, um campo infinito para o Dinamismo expressar-se no Novo, e passam a ver a Queda como parte do deleite criacional da Criança, findando desejosos por unir-se a ele.

66. Outros, ainda, dirigem seus olhares a outras coisas e enxergam de outras maneiras. Poucos, porém, enxergam a sutileza que jaz além de todas essas facetas, aquilo que só pode ser enxergado

quando não se dirige o olhar para coisa alguma.

67. Só então, vislumbra-se o paradoxo do propósito sem-propósito que dinamiza a Criação, e o Sábio sorri em silêncio, como aquele que compreende uma boa piada.

O SACRIFÍCIO PRIMORDIAL

68. A Criança compreende que o Horizonte é um beco sem saída, um enigma insolúvel que mais se emaranha quanto mais se tenta resolver: o verdadeiro Nó Górdio.

69. Compreende que caminha em vão no Labirinto, perdida em completa confusão, e que a única forma de encontrar a saída é parar de procurá-la, pois nunca está perdido aquele que não almeja chegar a lugar algum.

70. Assim, impelida pela pressão de sua Vontade, a Criança se lança ao Abismo em um ato sacrificial, no qual suas partes, rompidas em dez mil fragmentos, fornecem as matérias para compor o Mundo-história.

71. Muitos descrevem esse Primeiro Ato do Cosmos como o sacrifício de um Gigante ou de um Touro, ou ambos. Permanece, enfim, como um ato de puro Amor.

72. Vemos sacrificador, sacrificado e sacrifício, mas há apenas o grande espelho no qual a Existência contempla a si própria.

73. Dos fragmentos do corpo da Criança, outrora chamado Terra, nasceram demônios, e nesses mesmos fragmentos eles construíram moradas para si, tal como nasceram deuses dos fragmentos da mente da Criança, outrora chamada Céu, e nesses fragmentos eles construíram suas moradas.

74. Quanto à alma da Criança, não se pode dizer que chega a atravessar o Abismo, ou que não o faz, porque o próprio Abismo habita nela e lhe é contingente. Nenhuma coisa pode afetar aquilo que é coisa nenhuma.

AMOR

75. A Criança se expressa para conhecer-se e, para expressar-se, cria. Assim, ela olha para a vastidão inóspita do Caos como se houvesse um sentido ali e, então, há um sentido.

76. Muitos contam que o Amor é o primeiro filho do Grande Caos, justamente porque a outra face da dor da separação é o desejo de reunir aquilo que



"Microcosmus Melothsia" (2012) - Benjamin A. Vierling

foi separado. Onde há Sofrimento, há o Amor para redimi-lo.

77. Tendo o infinito criado o Absurdo como ponte para a finitude, agora o Amor opera a criação através de seu poder unitivo, que pela primeira vez organiza e coordena os elementos no âmago do Caos, estabelecendo fundo as fundações do Cosmos.

78. Assim como a Criança desce no Caos vestida como Amor para criar, o Herói está destinado a subir até ele ciclicamente, até o fim dos tempos, para renovar.

79. Como uma sombra da Realidade, criar a Destruição é o primeiro e necessário passo para criar a Criação, pois, como uma não existiria sem a outra, não há nenhum outro lugar onde lançar alicerces.

80. Assim, a Criação é erigida sobre sua própria destruição, como um ilha flutuando sobre as corrosivas águas do Caos.

81. Alguns dirão que a Grande Serpente foi temporariamente subjugada durante o Ato Criacional por virtude do Primeiro Sacrifício, lançada ao Vazio e ali aprisionada pelo tempo necessário para acabar o tempo, quando então libertar-se-á e devorará por inteiro o Cosmos.



"A Destruição de Leviathan", colorizado (1865) - Gustav Doré



"The Birth of Eros" (1890) - Maximilian Pinner

82. E dirão que uma grande pedra foi colocada sobre sua cabeça para impedir que seu retorno prematuro inundasse e destruísse o incipiente Mundo-história, garantindo-lhe uma chance para as dádivas vindouras.

83. Essa é a Pedra Fundacional da Criação e o Coração da Montanha Sagrada; ao seu redor são construídos os Quatro Reinos Elementais; sobre ela, a Cidadela dos Deuses; abaixo dela, a Caverna do Dragão.

84. Adormecido sob as Fundações do Mundo, o Dragão aguarda.

O HABITANTE E A ÁRVORE

85. Sobre as Águas do Caos ergueu-se o Habitante, instaurando a aurora do novo cosmos. É o Nascido, pois adveio do Ovo Orfíco, e alguns sábios o chamam de Rei Vermelho, outros de Imperador, mas para a maioria dos seres seu nome é simplesmente Senhor.

86. À Árvore, crescida da semente no exato centro do Mundo, dão o nome de Rainha Branca, ou Imperatriz. Alguns dizem que foi o Habitante quem plantou a Árvore, outros, que na verdade nasceu dela.



"Adão e Eva no Jardim do Éden" (1829) - Johann Wenzel Peter

87. Como não se pode precisar quem nasceu de quem, é justo assumir que nasceram um do outro e, com ainda mais justiça, que nasceram um para o outro.

88. O Habitante apaixonou-se profundamente pela Árvore e assumiu para si a tarefa de protegê-la e construir-lhe um belo jardim ao redor, em meio à aridez, justamente porque era essa a única coisa que podia fazer, e o Habitante tornou-se seu Jardineiro.

89. A Árvore regozijou-se com sua rega de águas celestiais e cresceu alto até o infinito acima, firmemente enraizada nas profundezas do infinito abaixo.

90. De seus galhos estendidos ao Céu, nasceram vistosos frutos, eles próprios Mundos-História dentro do Mundo-História, feitos de fenômenos. O Habitante os desejou e a Árvore tornou-se sua Nutriz.

91. O Habitante e a Árvore são a manifestação do Céu e da Terra na interface entre ambos, justamente o único lugar onde é possível a manifestação, onde gira o vórtice que faz fluir em um grande torus os elementos do Céu para a Terra, e os elementos da Terra para o Céu.

92. Assim, o Habitante tomou para o si o nome de Céu, pois representava-lhe na manifestação e, pelo mesmo motivo, passou a chamar a Árvore de Terra, e tanto o Céu por trás do Céu quanto a Terra por trás da Terra foram esquecidos.

93. Olhando para o longínquo do horizonte, Céu vê fragmentação, entropia, morte e caos, e os nomeia Mal, pois tudo isso lhe contraria as operações ordenadoras.

94. Olhando para o centro e o Ônfalo, vê integração, dinamismo, calor, vida e ordem e, pelo mesmo motivo, chama a isso tudo Bem.

95. A Serpente, como uma Sombra projetada pelo Céu, reflete sua hostilidade e, desse momento em diante, ambos tomaram-se grandes inimigos e a Serpente, é claro, recebeu a alcunha de Inimigo.

96. Contudo, poucos atentam para o fato que o Dragão é, de certa forma, um guardião. Embora monstruoso, é ele quem mantém isolados no Abismo os verdadeiros monstros de insanidade e permite a existência de um Mundo-História.

97. Ele é o horror concebível que protege contra o horror inconcebível, contendo-o no Vazio; é o mal ordinário devorador de reinos, que protege contra o mal cósmico devorador de universos.



98. O Grande Caos não pode ser derrotado, mas pode ser temporariamente contido e, nesse ínterim, um cosmos torna-se possível.

99. Se a exposição prematura ao Caos leva ao sofrimento, a exposição prematura ao Grande Caos Exterior leva a mente a tamanha tensão que acaba por estilhaçar-se em loucura.

100. Assim, o Horizonte é, de certa forma, uma proteção tanto quanto, como toda proteção, é também uma prisão.

101. Céu contempla o Dragão e percebe que ele também precisa ser contido para evitar a extinção da Árvore. Enfim, compreende o que deve fazer.

O PERÍMETRO

102. Conta-se que no princípio houve um grande embate dentro do Mundo-História entre o Artífice e a Serpente, um reflexo da Guerra no Céu que precipitara a Queda. Tão acirrado que não se poderia presumir, pelo simples observar, quem dele se ergueria vencedor. Tudo o que o Céu tentava construir, o Dragão corroía de imediato com seu hálito pavoroso, e devorava até que nada restasse.

103. Alguns dizem que o Céu era particularmente encantado pelas estrelas de luz que contemplava acima de si, e que em sua imagem teceu uma bela rede feita de conceitos. Outros sugerem que na verdade recebeu essa rede como um presente de sua Mãe, que a havia tecido com suas próprias mãos. Outros dizem ainda outras coisas, mas todos concordam que levou essa rede como uma de suas armas na batalha, e que a chamou Rede dos Destinos.

104. Porém, em vão lançava-a sobre o Dragão, que sempre escapava e continuava sua obra de destruição. A cada tentativa, contudo, o Céu se adaptava e ajustava a rede para lançá-la mais uma vez, e assim prosseguiu por vezes muito além do que era possível contar, até que entendeu a luta como eterna e, eventualmente, desistiu de vencer. Quando o fez, acertou em cheio e capturou o Dragão, vencendo-o.

105. Por isso, chamam-no Vitorioso Contra o Caos, o primeiro Herói.

106. Pela sua rede bem ajustada de conceitos, também o chamamos O Justo, ou simplesmente Ordem, porque foi a partir dela, como uma receita, que depois legislou uma Lei para ordenar o Reino.

107. Também a partir dela, projetou uma casa para si bem no centro da Criação, no alto da

Montanha Sagrada: o Palácio Celestial e Morada dos Deuses Eternos.

108. Vencido o Dragão, o Céu acorrentou-o e o aprisionou na mais escura das cavernas, que fora escavada sob a Montanha e se estendia fundo sob ela. A partir de então, ficou conhecida como Caverna do Dragão.

109. Ao Caos não basta derrotar, é preciso mantê-lo continuamente à distância, e por isso o Céu decide separá-lo da Ordem ao traçar, a meio caminho do horizonte, um grande círculo ao redor



"Tuor Reaches the Hidden City of Gondolin", detalhe (1996) - Ted Nasmith



"Mar Tempestuoso à Noite" (1849) - Ivan Aivazovsky



do Ônfalo, embora alguns digam que o próprio Ônfalo é ponto que emerge como centro do círculo conforme é traçado.

110. Ao círculo delimitador damos o nome de Perímetro ou Fronteira e, à região por ele delimitada, chamamos Reino, como uma ilha de ordem instaurada dentro da Criação, em meio ao oceano de caos.

111. O Céu assume o Reino para si como Senhor e Rei, justamente por ter sido ele a estabelecer sua ordem primordial através da Lei, expulsando o Dragão e mantendo-o longe. Sua autoridade sobre o Reino emana de sua responsabilização sobre ele, assim como implica nela.

112. Em troca, o Céu impõe ao Reino obediência à Lei, e demanda-lhe um justo tributo. Daí, pois, ao Rei o que é do Rei.

113. Como depois disso o Céu pôs-se a construir e estruturar o Reino, muitos o chamam de Arquiteto, ou Artífice, e sua primeira obra foi erigir uma Grande Muralha ao redor do Perímetro para efetivamente consolidá-lo, pois de outra forma nada mais poderia fazer além de defendê-lo em pessoa.

114. Como os muros ao castelo em sítio, ou um bom casco ao navio na tormenta, ou ainda a cerca

ao acampamento ermo, a Muralha deu ao Reino uma chance.

115. Dentro da Muralha, a Árvore cresceu e floresceu pelos bons cuidados que lhe foram dispensados, e ao seu redor foi cultivado um magnífico jardim de formas a partir dos nós da Rede do Destino, semeados na fertilidade da terra, e essas formas cresceram em justiça e harmonia.

116. Para auxiliar-lhe em seu ofício, o Artífice separou sete partes de si e delegou-lhes funções e tarefas, e assim surgiram os primeiros ministros celestiais, e ele lhes fez belas habitações ao redor da Cidadela do Centro do Mundo.

117. Muitos se confundem, porque alguns dizem que no centro do Reino há uma Árvore, outros que há uma Montanha, outros ainda que há uma Árvore sobre a Montanha.

118. Entretanto, não há confusão, pois a Montanha é a Coluna Vertebral do Habitante, e tanto ela quanto o Tronco da Árvore são o mesmo e único Eixo do Mundo.

119. E assim o Reino foi feito firme no meio do Caos como uma pérola miraculosa adornando a Criação e, por um tempo, o Reino cresceu e prosperou.



"Geologische wandeling" (1990) - Johfra Bosschart

